

BOLSA-ESCOLA: NOVO AGENTE DE MUDANÇA SOCIAL

Josenia Antunes Vieira

A bolsa-escola tem se tornado um agente mediador para novas práticas sociais desde a sua implantação. A sua criação fundou-se em assertiva simples: "Se há crianças que não vão à escola porque têm de trabalhar ou porque as famílias, prisioneiras da pobreza, não dão importância à educação, a sociedade pode atraí-las às escolas, pagando-lhes um salário". Assim, famílias de extrema pobreza são subsidiadas com um salário mensal. Muito pouco se compararmos aos benefícios que proporciona à educação da família. O programa é a nova matriz geradora de mudanças sociais na história individual de cada participante.

Em pesquisa recente sobre o papel da família e da escola no letramento, ouvi várias famílias sobre a bolsa-escola. A mãe da família Brito disse: "Participamos mais ativamente do andamento da escola por causa da bolsa, pois o dinheiro sempre foi muito pouco, e agora nós podemos respirar aliviados e comprar livros, cadernos e comida para as crianças. Antes não participava das reuniões, mas agora sempre vou buscar o boletim". Dona Ivete, outra mãe, declara: "Agora vou às reuniões, antes eu tinha que perder um dia de trabalho, mas agora o dia perdido é recompensado no final do mês".

A bolsa-escola é uma forma alternativa de redistribuição de renda. Propicia às famílias alterações significativas da qualidade



de vida e das práticas escolares. A rotina de controle a que estão sujeitos os participantes do programa pressiona para uma interação mais efetiva da escola e da família. Está em curso uma mudança significativa no discurso familiar e escolar. Diante de tantos ganhos, é incompreensível a pretensão de abortar a bolsa-escola no ano 2000.

"A participação das famílias nos eventos escolares aumentou", declararam professores. Informam que é flagrante o crescimento do interesse dos pais pela escola após a instituição do programa. Estimam que a evasão decaiu em 75% no último ano. O número de faltas decresceu. O discurso das famílias revela nova postura. Acreditam elas que a educação fará a ressocialização do indivíduo, abrindo-lhe portas para atividades laborativas mais rentáveis e prestigiadas socialmente. Decerto é do conhecimento familiar que filhos sem estudo não obtêm

trabalhos qualificados.

O programa tem dado novo alento à quebra dos padrões de reprodução cultural. As práticas discursivas da escola e da família eram, além de dissimétricas, diálogos mudos. Deixavam um intervalo de silêncio no contexto educacional. A interrupção desse processo cabe à educação que tem o poder de desnaturalizar preconceitos e crenças, dando nova feição ao discurso social. As alterações positivas refletem mudanças em andamento. A bolsa-escola está agregando as famílias, recriando um promissor eixo de atração das comunidades mais carentes em torno da escola.

Muitos, entretanto, por desconhecerem a educação como processo de reprodução cultural, oferecem cesta básica para substituir a bolsa-escola. Educar é mudar mentalidades. É alterar valores. Romper a cadeia de preconceitos que prejudica a cidadania do povo brasileiro. A edu-

cação é a responsável pela construção da identidade social. O seu discurso deve moldar e restringir normas e convenções. E, por ser prática política e ideológica, deve estabelecer, manter e mudar as relações de poder, sustentando e transformando os significados do mundo. A mudança nas práticas sociais conduz a uma prática emancipatória que posiciona o sujeito na sociedade.

Se aspiramos a um sistema educacional democrático efetivo, devemos partilhar os mesmos direitos. A continuação da bolsa-escola tem sido a voz comum da sociedade. Só fingem não entender o recado os que alimentam interesses espúrios aos direitos da comunidade. A prática educativa tem de fazer parte de um projeto político maior que tenha o poder de romper a marginalidade em que vive a população. O alçamento do povo a instâncias mais elevadas de poder deve ser desejo coletivo. A educação, além de melhorar a vida do indivíduo, deve proporcionar crescimento social e político equânime e justo ao povo e à nação. Daí o sucesso da bolsa-escola que, ao mesmo tempo, cuida economicamente das famílias e desenvolve novo discurso em que o sujeito constrói sonhos e assume responsabilidades sociais.

■ Josenia Antunes Vieira, doutora em Linguística, é professora da Pós-Graduação do Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernácula da Universidade de Brasília (UnB)